

DEPRESSÃO GILLETTE

Quando você trabalha para uma empresa líder de mercado, deixa de ser apenas um empregado. Sua identidade é ampliada pelo poder da marca, pela sua imagem, pela autoridade que ela projeta ao seu redor. Você não é “um entre muitos”: você é um dos poucos entre muitos. E esse poder — de decidir, de representar, de encarnar — lhe dá glória, segurança, reconhecimento... e uma boa dose de hostilidade.

Então, um dia, o vento muda. Às vezes vem disfarçado de promoção destinada a tirá-lo do caminho porque você ficou grande demais para a sala. Outras vezes chega como um incentivo à saída antecipada, educado como um tapinha nas costas, feito para empurrá-lo para fora antes da aposentadoria. E você se convence de que pode replicar lá fora o que um dia fez lá dentro. Mas o mundo não funciona assim.

Há uma verdade que as histórias corporativas nunca registram: quando um filho de uma multinacional é escoltado porta afora, depois de três a seis meses de inércia psicológica... chega a depressão. Porque a sociedade não o reconhece mais. Porque o nome dele, fora daquelas paredes, não tem peso nenhum. Porque ele descobre que o poder nunca foi dele — era alugado, não próprio.

Só quem — como eu — escolheu sair pode se olhar no espelho sem reprovação. Mas a ferida permanece. Uma ferida que só vai fechar no último dia.

E então vem o último detalhe: quando os parentes prepararem o aviso fúnebre, sob “profissão” escreverão empregado, vendedor, representante, gerente. Mas nunca escreverão o nome da empresa. Porque as verdadeiras mães nunca morrem.

E a minha se chama Gillette.

Nota: e quando chegar a minha hora, sob o meu nome escreverão — GILLETTE NARRATIVE,
PROPRIETÁRIO ÚNICO.

Ferdinando

Ferdinando Frega — gillettenarrative.com